



# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

| Preços de assignatura                  | Anno<br>36 n.ºs | Semest.<br>18 n.ºs | Trim.<br>6 n.ºs | N.º<br>à<br>entrega |
|--|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|
| Portugal (franco de porte) m. forte... | 3\$800          | 1\$900             | 650             | 130                 |
| Possessões ultramarinas (idem) .....   | 4\$000          | 2\$000             | 650             | 130                 |
| Estrangeiro e India.....               | 5\$000          | 2\$500             | 650             | 130                 |

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1240

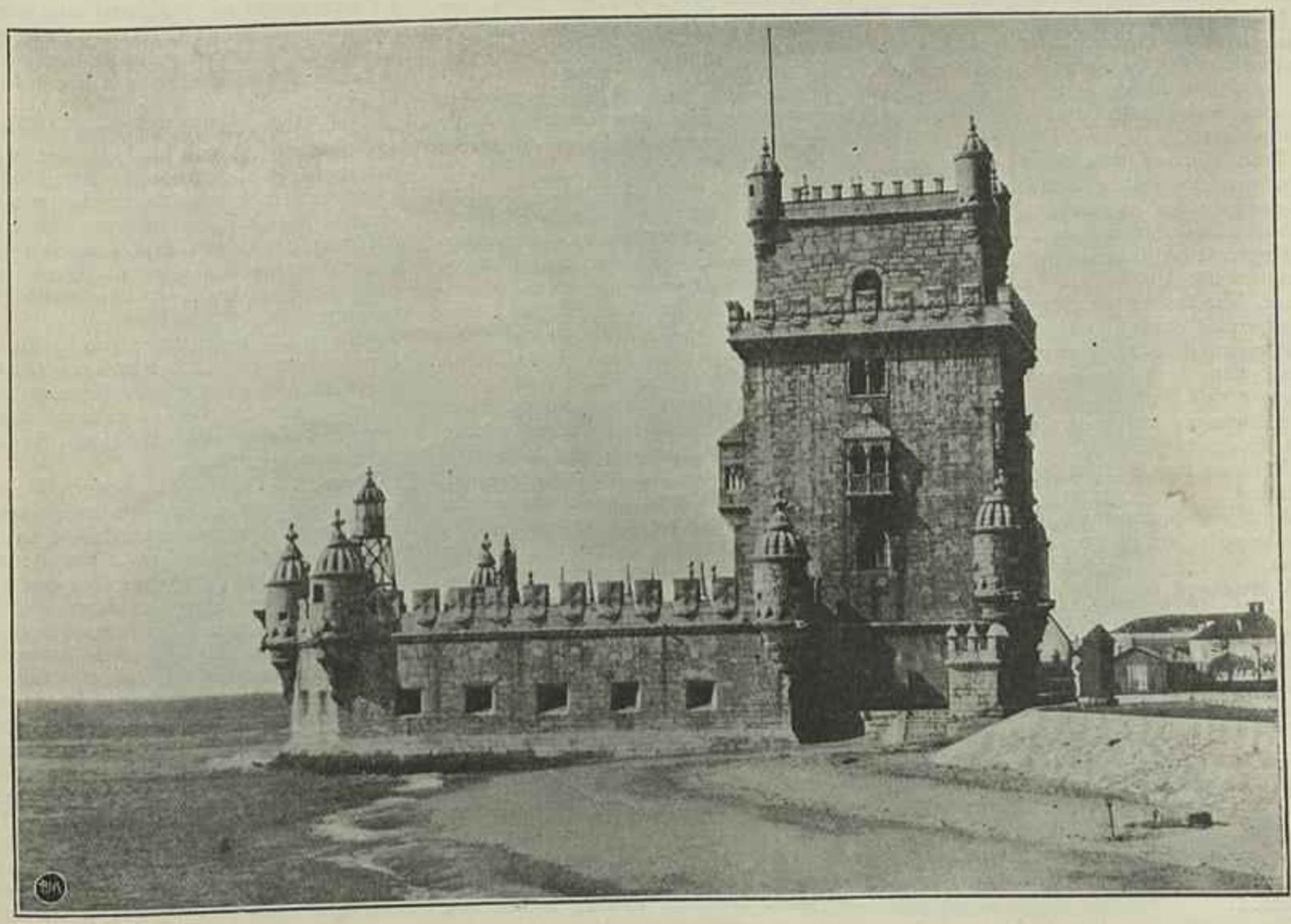
10 de Junho de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração  
 Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,  
 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial  
 Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

## As Festas da Cidade de Lisboa

### LISBOA MONUMENTAL



A TORRE DE S. VICENTE OU DE BELEM  
 (Cliché Alberto Lima)

#### CRONICA OCCIDENTAL

Lisbõa em festa! Lisbõa em festa!  
 Em meio deste desmanchar-de-feira barulhento de malaventurada politica, em meio de suas occupaõis e preoccupaõis,

Lisbõa soube compôr-se e ataviar-se para uns dias brevissimos de folguêdo e esquecimento.  
 Os benemeritos promotôres das Festas da Cidade têm nestes dias a compensação dos seus labôres e esforços.  
 Dias e dias, assistiamos espectantes a

esta lufa-lufa incansavel de preparativos. As gazetas gritavam o seu aplauso, esmiuçavam programas, elogiavam intençõis. Nós, aqui, tambem, não negámos a nossa palavra de assentimento e incentivo.  
 Quantas vezes, dia lindo, debruçados

sobre a amurada duma das colinas desta formosíssima cidade, não exprimimos nós, em nós mesmos, vagamente o desejo de que se casassem ás festas desta natureza abençoante as alegrias festivas e despreocupadas de homens que por um momento esqueceram despeitos e malavindas disputas...

A natureza chama-nos. Mas a sua voz perde-se no murmuro suavíssimo das flores deste lindo jardim, á beira-mar, plantado. A natureza abraça-nos. Mas as suas caricias envolventes confundem-se com os abraços fluidos desta brisa que nos traz ás almas, vida e sonho. A natureza espria sobre nós o seu longo olhar de complacência e ternura. Mas o seu olhar é este sol peninsular que nos incendeu coração e espirito.

Ah — meus amigos — como nós andamos caminho errado. Como nos esqueceremos — e o que a nós devemos... Rasgamos as nossas tradições. Desprezamos os nossos costumes. Travestimos exoticamente a nossa vida. Perdemos a nossa alma. A politica adultera-nos. O cosmopolitismo vadio e estúpido desfigura-nos. As nossas lindas festas regionais — onde são elas idas?... Andamos caminho errado. Andamos caminho errado.

Sobre as ruínas dos tempos presentes, olhamos com melancolia e nostalgia o formoso tempo que passou e não volta. O mundo moderno é triste. Tirou-nos as alegrias ingenuas do passado, sem nos compensar.

Tradições, costumes, glórias, festas, que á nossa nacionalidade pertenciam, correm na poeira que só se levanta para nublarnos os olhos, em sangue, e lágrimas.

Regresemos a nós-propios. Recuperemos a nossa alma que desvaira e perde-se. Não tendes pena de vós — nem de vossos pais que se confrangem num encolhimento doloroso nos tumulos envilecidos — nem de vossos filhos que vão surgindo á vida?...

A natureza espera-nos e abre-nos os braços.

A nossa paisagem chama-nos. O sol guia-nos.

As flores cantam as harmonias apaziguadoras e animadoras da nossa caravana.

Voltemos á natureza para nos encontrarmos.

A nossa natureza é um altar sacrosanto onde os portuguezes deviam ir comungar e irmanar-se no mesmo ideal de crença. Não vêdes? Não ouvis?

Os pinheirais e os choupos erguem ao ceu canticos de redenção. E o mar, ao longe, acompanha em côro.

Talvez que nas azas dos ventos vagabundem vozes perdidas de oráculos. Quem as pôde interpretar? Da sua interpretação talvez dependa a nossa felicidade...

Conciliaremos os deuses. As sombras dos nossos mortos queridos animar-se-ão. Os espectros naufragam na claridade. Nun'Alvares vai resuscitar. Quem sabe?

Lisbôa em festa! Lisbôa em festa!

Aonde iria parar esta imaginação fogaosa, se a não soffreio?

Já se me figuravam no espirito festas de beleza que ofuscassem a visão sonhada das festas dionisiacas. Mais. Me-

lhor. Já entretecia e exaltava num quadro de extase as festas da cidade que modestamente os benemeritos promotôres organisaram.

O cortejo seguia. Realisavam-se as bôdas da Terra e Espirito de Portugal. As frentes aureolavam-se dum paganismo místico. «Fundia-se a lagrima no riso.» Ascendia no sorriso a alma do portuguez...

Mas é necessario ser modesto e re-freiar á medida conveniente a imaginação. Brilhe o sol e reflita-se a alegria em todos os olhares — e Lisbôa, só por si, vale ou excede todas as festas estranhas e espaventosas que se pudessem preparar. Também chega o tempo para conosco sermos justos. E se a nossa opinião, por suspeita, não se impuzesse, em auxilio dela viria o testemunho dos estrangeiros que por aqui fazem estação.

Ainda não rolou no pó o seu sceptro de princeza do Occidente.

Lá-cima, comovidamente, debruçados sobre a amurada duma das suas sete colinas, olhos em extase, vemos bem como é bela, extraordinariamente bela, como é formosa, incomparavelmente formosa, esta Lisbôa «que uma lenda longinqua diz fundada pelo erratico Ulysses, suspensa sobre as aguas limpidas do seu estuario, com as suas casas brancas e praças e jardins de rosas e camelias.»

Olhai, olhai para esse Tejo glorioso «cujas aguas palhetadas de oiro deslisam entre duas florestas de flores.» Terra de encantamento!

Ninguem a tente descrever. A alma exalta-se e paira, de longe, muda e extatica, sobre esta casaria amontoada, caprichosamente, romanescoamente, como cidadelas de sonho irrompendo de gargantas e despenhadeiros, librando azas sobre as colinas, banhando-se com indolencia nas aguas mansas dos caes. A alma cae num desmaio de fantasia sobre estes campos, modelados em nevoa e luz, de vinhedos, hortejos, matagais, pinheiros, ora contorsionados em barrancos dum vôo desesperado, ora repoisandô, contentes e brincantes, nas vagas serpentinadas das planicies que a vista perde.

E' um ciclorama de Sonho! E' uma feeria gloriosa e estranha que os estranhos — os leigos do templo — só podem imaginar na fantasia a esfumino das nuvens que a embriaguês do opio projeta no infinito!

Muita razão têm os estrangeiros para invejar este sagrado rincão onde o destino nos embalou. Ora são os poetas e os artistas que, por aqui divagando e curando seus males de alma, se deixam irresistivelmente enlevar na magia desta paisagem, ora são os sabios que indigitam esta linda terra para asilo redentôr dos torturados de corpo e espirito.

O dr. Dalgado, medico inglêz, que com vagar nos visitou, bem o confirma no seu livro *The climate of Lisbon*. Mas — já o dissemos — o maior e quasi imperdoavel defeito de que se pôde com razão acusar o povo de Portugal, é não conhecer ele-proprio o bem preciosissimo que o seu solo e clima e paisagem encerram. Habitudo a maldizer-se e a desprezar-se, os seus olhos ainda não souberam descobrir o manancial que esferve e escachôa sob os seus pés. E' necessario que o estrangeiro nos indique

o ponto preciso onde um gesto decidido faça brotar a fonte prodigiosa.

Cintra — que por momentos adormentou nos seus braços de feiticaria o espirito tormentoso desse principe «para toda a eternidade», exilado, que Byron foi — que residencia de encanto para verão! Moderada altitude, — diz o dr. Dalgado — moderada temperatura, agradável humidade. Ar puro enriquecido pelos aromas exalados da sua vegetação luxuriante. Foi ali, defrontando com o Castelo da Pena, que o grande musico e dramaturgo alemão, Ricardo Strauss que visitára a Italia, a Sicilia, a Grecia, o Egipto, confessou, num arrebatamento de extase, que ainda nada vira que a valesse.

O autôr do *Climate of Lisbon* afirma incontestavel superioridade de Lisbôa sobre Biarritz, Nice ou Catania. Quanto ao Mont'Estoril, a sua consideração eleva-se ainda mais e a sua superioridade sobre a propria Lisbôa e terras afamadas da estranja quasi não admite a possibilidade duma duvida.

Que linda a Terra de Portugal!

Os promotôres das Festas da Cidade encerraram no seu programa uma grandiosa homenagem a Camões — a esse estranho e gigantesco vulto de Poeta que personifica hoje e sempre a Patria-Portuguêsa.

Sobre a sua campa, tanto e a tão grossos clamôres, se tem bradado, que neste momento ao tomarmos da penna para escrevermos, a mão se nos esquivava, a alma se nos confrange num recolhimento doloroso e piedoso, e já a nossa consciencia escrupulosa e se martirisa, por pouco que digâmos, do demasiado que teremos dito.

Dia a dia esbanjamos prodigamente o nosso vocabulario, e agora, ao tentarmos antepôr ao nome de Camões, um epiteto serio e justo, as palavras desfilam diante de nós refulgindo facêtas agressivas e ironicas.

E assim — Poeta — chegamos a Ti, miserandos e empoeirados de triste e lassa caminhada. A caravana perdeu-se no deserto. Nós ficámos tristes e sós — sombras do que fômos. Os tesoiros que traziamos, arremessámo-los num sorriso compassivo, sem luta nem revindicta, á cara dos salteadores que nos aguardavam de emboscada. Arremessámo-los.

Arremessámo-los todos! As palavras eram o nosso oiro. E desse oiro já nada nos resta para Te erigir uma estatua que firmando-se no solo querido da Patria avassalasse o infinito. No entanto, eis que os outros, os bemaventurados, Te aclamam comovidamente. Os murmuri-nhos das saudações chegam aos nossos ouvidos e envolvem-nos e perturbam-nos.

E queremos-lhes porque neste momento Te querem.

Até nem sorrirmos — este sorriso agri-doce em que se funde o desdem oculto com a lagrima compassiva.

As fanfarras estrugem. As gargantas enrouquecem o teu Nome...

E nós, recolhemo-nos, mais e mais, manso e manso e atentamente colamos o ouvido sobre o teu Livro, a ouvir pulsar o teu enorme coração de Português.

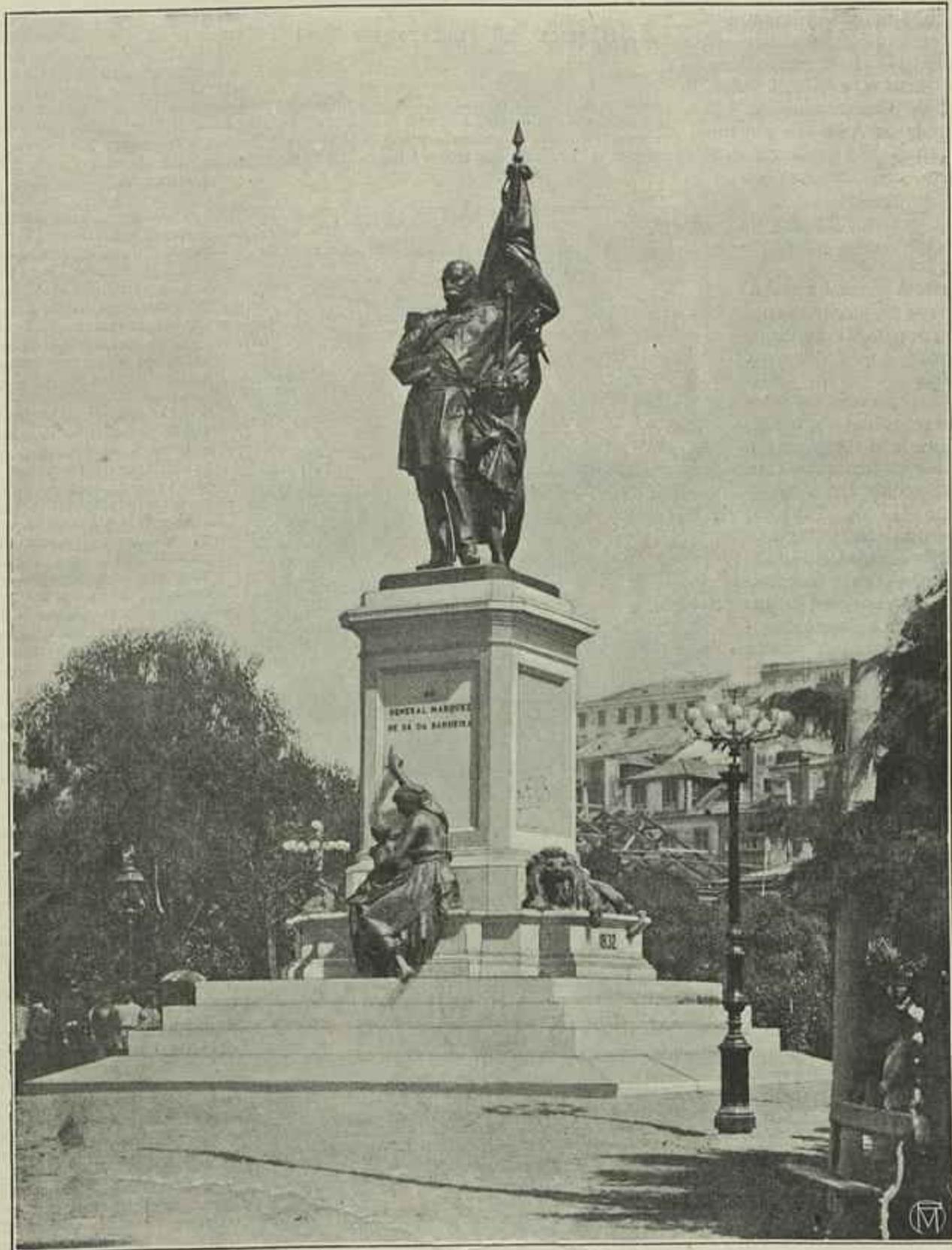
## PELO MUNDO FÓRA

A paz entre a Turquia e os aliados balkanicos é já um facto assente. O Sultão cede aos Estados balkanicos todos os territorios, do seu imperio no continente europeu, situados a oeste d'uma

O Montenegro teve que evacuar *Scutari*, á ordem das grandes potencias. O vice-almirante inglês *Burney* tomou posse d'aquella cidade, como representante das forças internacionaes. O rei Nicolau, que difficilmente se resignou a tão humilhante situação, disse ao seu estado maior, no momento da cedencia d'aquella preza,

Sobre a sangrenta lucta turco-balkanica, parece-nos interessante referir o que já está apurado relativamente ás perdas soffridas pela Bulgaria. Esta valente nação teve uma perda de 86 734 homens, entre mortos e feridos, sendo: mortos 330 officiaes e 29.711 homens; feridos 950 officiaes e 52.550 homens;

## LISBOA MONUMENTAL



MONUMENTO AO MARQUÊS SA DA BANDEIRA, NA PRAÇA D. LUIZ

linha partindo d'*Enos*, no mar Egeu, e terminando em *Midia*, no mar Negro, com excepção da *Albania*, cuja delimitação será fixada pelas potencias. O Sultão pede igualmente *Creta*, as outras ilhas do mar Egeu, bem como o *Monte Athos*, cuja sorte fica ao dispôr das potencias.

que tão porfiadas e sangrentas batalhas havia custado ao seu valoroso povo: — «Temos que agradecer a Deus a queda de *Scutari* em nossas mãos, embora fosse por pouco tempo. O prestigio da nossa patria e a honra das nossas armas foram ainda avigorados por esta irreparavel perda nacional.»

desapparecidos 3.193. Calcula-se que a Bulgaria pôs em pé de guerra 551.000 homens, com uma população masculina de 2.200.000.

Os jornaes ingleses lembram, a titulo de comparação, que a guerra sul-africana, que durou dois annos, custou á Grã-Bretanha, entre mortos e feridos,

5.260 officiaes e 114.159 homens. As perdas dos alliados da Bulgaria são avaliadas, approximadamente, em: 22.000 a 25.000 servios, 11.000 a 15.000 gregos e 7.000 montenegrinos.

Se estas são as perdas dos vencedores, imagine-se o que terá sido a hecatombe dos pobres turcos, que soffreram tambem os horrores da peste e da fome.

Está pois, por assim dizer, acabado o dominio mussulmano na Europa, sendo de esperar que o imperio turco da Asia se desenvolvesse e consolidasse. Tal não parece, porém, a situação, que, muito pelo contrario, se apresenta difficil. O futuro da Turquia da Asia é muito duvidoso: arabes, armenios, syrios, kurdos, etc., queixam-se de Constantinopla. Os funcionarios turcos na Asia são em numero de 40.000; mais de metade emigraram para ali em consequencia da guerra.

Sobre o imperio mussulmano da Asia paira o receio d'uma intervenção da Europa.

A Inglaterra e a Allemanha trabalham ha muito para um accordo com a Turquia, tendo por base o caminho de ferro de Bagdad, cujo terminus é no Golpho Persico.

A Turquia reconheceu já os interesses preponderantes da Inglaterra no valle do Tigre e do Euphrates. E' certo que o imperio ottomano teve repugnancia em reconhecer a hegemonia inglesa no Golpho Persico; mas essa resistencia desapareceu perante a derrota balkanica. O unico ponto a regular consiste na determinação das bases da cooperação anglo-allema, e esse tem sido o assumpto mais ou menos encobertamente tratado nas chancellarias de Berlim e de Londres. O momento é opportuno, visto terem-se reunido na capital germanica o rei da Inglaterra e o imperador da Russia, para assistirem ao casamento da *princesa Victoria Luisa da Prussia*, filha do imperador Guilherme II, com o *principe Ernesto Augusto de Brunswick-Lüneburg*, unico filho sobrevivente do *Duque de Cumberland*.

Estabelecido o accordo anglo-allemao sobre o tal caminho de ferro de Bagdad, a Inglaterra fica senhora do porto de Koweit. D'aqui á partilha do imperio turco na Asia a distancia não é grande. A Allemanha aspira á posse da Asia Menor, da Mesopotamia e da Syria. A Russia deita os olhos para a Armenia...

O peor, porém, é que as ambições das grandes potencias não ficam por ali. As compensações vão reflectir-se na Africa, para cuja posse não servem os pergaminhos da Historia.

O jornal pangermanista *Post*, a proposito do accordo, disse ha dias: — «A Belgica não nos cederá voluntariamente o seu imperio africano; ser-nos-ha necessario, portanto, compra-lo por um preço oneroso ou toma-lo em virtude do direito do mais forte. Que fará a Inglaterra em semelhante caso? Tomará sob a sua protecção os interesses belgas, ou auxiliarnos-ha, por todos os meios imaginarios, a adquirir o Congo belga?»

«Emquanto esta grave questão não se tiver esclarecido, é inutil qualquer accordo anglo-allemao sobre a Africa Central.»

O publicista allemão *Arthur Drix* annuncia que a Inglaterra e a Allemanha vão concluir um arranjo em cujos termos aquella concede a esta, como paga de concessões relativamente ao terminus do caminho de ferro em Bassorah, uma posição predominante no centro da Africa, comprehendendo as colonias belgas e portuguezas...

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



## Lisboa Monumental

Pelo titulo acima não se cuide que vamos, de tida e minuciosamente, historiar e descrever os monumentos que decoram a nossa capital e recordam seus fastos; isso não é para os limites de

## LISBOA MONUMENTAL



MONUMENTO AO DUQUE DA TERCEIRA,  
NA PRAÇA DO MESMO NOME

(Cliché do amador sr. Santos Pinto)

um artigo de revista, porque se estenderia a volumes. Afinal seria difficil empresa escrevel-os e mais difficil ainda encontrar paciencia de leitor que os lêsse, tantos são os seculos em que a historia de Lisboa e de seus monumentos se perde, desde o dominio romano, do arabe e do cristão, ou seja respectivamente a *Felicitas Julia*, a *Lisibo* ou *Lisabona* e, por fim, Lisboa.

Os terremotos, as guerras e invasões estrangeiras, destruíram tanto a Lisboa de D. Afonso Henriques, como a de D. João I, a de D. Manuel e a de D. João V. As convulsões do solo, principalmente, foram sua maior ruina desde 1344, 1531, 1551 e 1755 que não só derruiu a maior parte dos seus edificios reduzindo-os a montões de escombros, mas até dividiu montanhas desfigurando o solo e transformando Lisboa na cidade das sete colinas como a Roma antiga, o que de resto só lhe augmentou seus encantos naturaes.

E' outro o nosso proposito, no momento em que Lisboa se festeja, em que Lisboa dá recepção ataviando-se de galas para adornar seus encantos e belezas naturaes, em que não tem rival, e mostrar ao forasteiro seus monumentos, em que não é pobre, pois se a alguns lhes falta a grandeza plastica, sobra lhes o valor moral do que representam.

Acompanhemos o forasteiro e, em resumidas palavras, expliquemos lhe cada monumento por onde sua vista passa.

Que monumento mais formoso, esse que o viajante, ao entrar no Tejo, ele vê surgir da espuma do mar, como por encanto, a famosa e delicada Torre de Belem, ou de S. Vicente, concebida na imaginação de Garcia de Rezende, tão artista como poeta, e que mãos portuguezas ali construíram para satisfazer á vontade de um rei, como D. João II, que foi assombro da velha Europa, e que assim queria defender a heroica cidade dos assaltos dos corsarios.

E' a vedeta avançada que logo indica ao viajante quanto a Arte, no seculo xv, floria em Portugal. E' o primeiro monumento que o surpreende, avançando sobre o vasto Tejo, como o surprehe a extensa faixa de terra por onde Lisboa alcandora seus edificios, surgindo dentre os arvoredos e jardins suas cupulas e torres a recortarem-se no azul purissimo do ceu.

E o viajante vae seguindo com a vista, á medida que o navio ofegante singra Tejo acima, o panorama que se desenrola e, ainda mal tem contemplado a encantada Torre que o faz sonhar uma cidade de fadas, outro monumento se ergue e se alonga por bom espaço, quasi a beijar a praia, que do mar veiu o glorioso feito que ele comemora.

Este não é só grandioso e primoroso na sua estrutura, mas glorioso como nenhum outro. Ele representa e recorda a maior epopeia de um povo, que se adeantou a todos os povos do mundo, sonhando com novos mundos, e tornando esse sonho uma realidade, pela corajosa audacia que o levou a devasar «mares nunca dantes navegados».

E' o monumento que celebra e comemora os descobrimentos dos portuguezes, nesses seculos de oiro que foram o xv e xvi.

E' o famoso Mosteiro dos Jeronimos que constitue um tipo de estilo gótico floreado, que se ficou denominando *Manuelino*, por ser criado no tempo do rei D. Manuel, e que se reproduziu porto do o país em grande numero de edificios religiosos e seculares.

O arrojado da sua arquitetura não é inferior ao dos navegadores portuguezes que deu motivo á sua construção, como deu motivo aos fantasiosos ornatos que nossos canteiros talharam na pedra, em graciosas laçarias de cordoame da faina maritima, por onde entreteceram conchas do mar, e a flora dessas terras do Oriente que os ousados navegadores descobriram.

E' toda uma historia gloriosa que ali esculpiram Boutaca e João de Castilho, como Camões a cantou nos seus Lusíadas, para eternisar a memoria deste povo.

Mas pouco mais andado, o viajante divisa, tambem á beira-mar, na vasta praça de Belem, outro monumento brincado de ornatos, enquadrando baixos relevos que são paginas da historia do heroe de que se ergue a esttua numa columna formada de cordoames, á guisa de salomonica delicada e graciosas em seus labores. E' a esttua do grande Afonso de Albuquerque, do fundador do imperio portuguez na India, desse homem extraordinario de valor e de honradez, cujo nome se incarna na patria como o de Camões, e que todo o mundo conhece e respeita.

Este monumento, de que é autor o esculptor Costa Mota, é moderno, ainda que deveria ser antigo, e para ele concorreu o patriotismo de um portuguez, o historiador Luz Soriano, que tomou sobre si o pagar este tributo por todos os seus compatriotas!

Acompanhemos o viajante, que o navio vae avançando, e agora se descobre ao centro de uma praça arborizada e ajardinada, proximo da margem do Tejo, outro monumento que ali se ergue a um heroe das nossas campanhas liberaes, que á bravura do seu braço juntou a gloria de decretar a extinção da escravatura nos dominios de Portugal — o Marquês de Sá da Bandeira.

A esttua do bravo general representa-o empunhando a bandeira da patria, pela qual ele perdeu um braço.

Ao sopé do pedestal uma africana mostra ao filho, que tem no colo, o heroe que lhe deu a liberdade, apontando para o nome gravado no mesmo pedestal; nas duas faces lateraes repousam dois leões, simbolizando a força, e na posterior uma figura da Historia.

Este monumento feito por subscrição publica em Portugal e no Brasil e largamente subsidiado pelos duques de Palmela, que mais tambem superintenderam na sua erecção, é obra do esculptor italiano João Cinizelli.

Pouco mais adeante, encontra-se, ainda á beira do rio, na praça Duque da Terceira, o monu-

mento dedicado a este grande caudilho da Liberdade, um dos que mais assinalados serviços prestou a esta causa e que veio libertar Lisboa do governo absoluto, em 24 de julho de 1833, desembarcando no Caes do Sodré, a que depois foi dado o nome de praça do Duque da Terceira.

Este monumento deve-se ao escultor português Simões de Almeida que, em concurso obteve o primeiro premio. Representa sobre um pedestal simples, a estatua em bronze do Duque da Terceira, com o uniforme de general.

havia a fazer! E esse homem respondeu laconicamente: «Enterrar os mortos e cuidar dos vivos.»

Foi Sebastião José de Carvalho, depois marquês de Pombal, que não só levantou Lisboa mas com a sua sabia administração e notavel criterio politico, levantou Portugal do abatimento a que havia chegado.

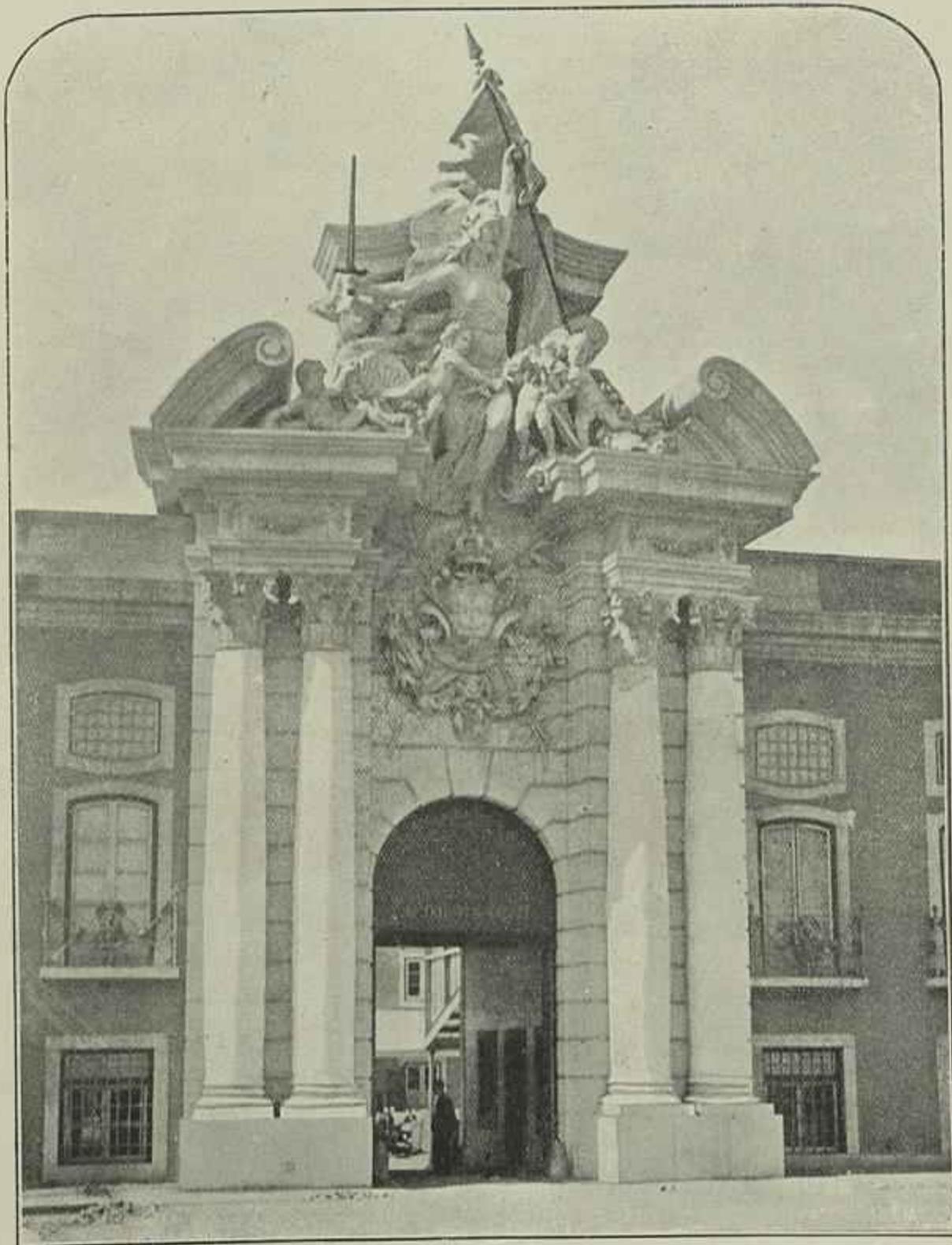
Esta praça, ao centro da qual se ergue um monumento ao rei D. José I como sendo o monarca então reinante, ella toda constitue o maior

grupos que ornão o pedestal, mais surpreende a estatua equestre, fundida em bronze, no Arsenal do Exercito, de um só jacto e tão perfeita que de pouco acabamento careceu.

O plano geral da praça foi delineado por Eugenio dos Santos, mas não completamente executado, quanto ás cupulas que deviam rematar os dois torreões da entrada da praça, e á torre com relógio que se devia erguer sobre o arco triumphal aberto ao centro da ala norte.

O que então se dispendeu na construção desta

## LISBOA MONUMENTAL



PORTICO DO MUSEU DE ARTILHARIA — (Cliché Benoliel)

Proseguindo, eis que chegámos em frente da grande praça do Commercio, que occupa a area de mais de 10.000 metros quadrados e deita suas muralhas sobre o Tejo com amplo caes de desembarque. E' a maior praça de Lisboa e uma das maiores, nas cidades da Europa, sendo ao mesmo tempo aquella que obedece a um plano uniforme e grandioso.

Esta monumental praça, quem vos dirá, viajante, surgiu — teve trecho de um cataclismo que sepultou Lisboa em ruínas!

O genio de um homem operou esse milagre, quando todos aterrorisados por tão grande calamidade, se lamentavam e perguntavam o que

monumento que se poderia levantar ao restaurador de Lisboa, cuja effigie, em um medalhão de bronze, se entalha na face do pedestal que olha para o Tejo.

Este monumento é, na sua especialidade, um dos primeiros da Europa, pela sua concepção feliz e correção irrepreensivel de suas linhas. Seu autor, Joaquim Machado de Castro, eminente escultor que floresceu e fez escola no seculo xviii, empregou nesta obra tanta sciencia e arte que ella ficou perfeita e superior a toda a critica. Artistas e artifices portuguezes a executaram e se tudo nela é para admirar desde os mais simples labores até ás esculturas dos triumphantes

praça, não incluindo o monumento, subiu a réis 3.250:520\$187, quantia proveniente do imposto de 4 % sobre as mercadorias estrangeiras que entrassem no reino, proposto pelos negociantes de Lisboa para esse fim, razão porque com justiça se lhe deu o nome de Praça do Commercio.

Muito fica por dizer sobre esta praça monumental, mas precisamos acompanhar o viajante Tejo acima, onde elle vae encontrar a pouca distancia, o Museu de Artilharia, e onde terá que desembarcar se quizer visitar as opulentas salas em que se guardam ricas armarias de envolta com tantos trofeus gloriosos de nossas conquistas de além mar, e de campanhas desta Peninsula.

As decorações destas salas são suntuosas e hoje mais enriquecidas de esculturas e quadros dos nossos primeiros artistas contemporâneos.

O portico principal modernamente construído, é obra do escultor Antonio Teixeira Lopes.

Uma vez em terra, convidamos o viajante a acompanhar-nos numa passagem fugidia pela Praça de D. Pedro IV, a segunda de Lisboa em beleza e tamanho.

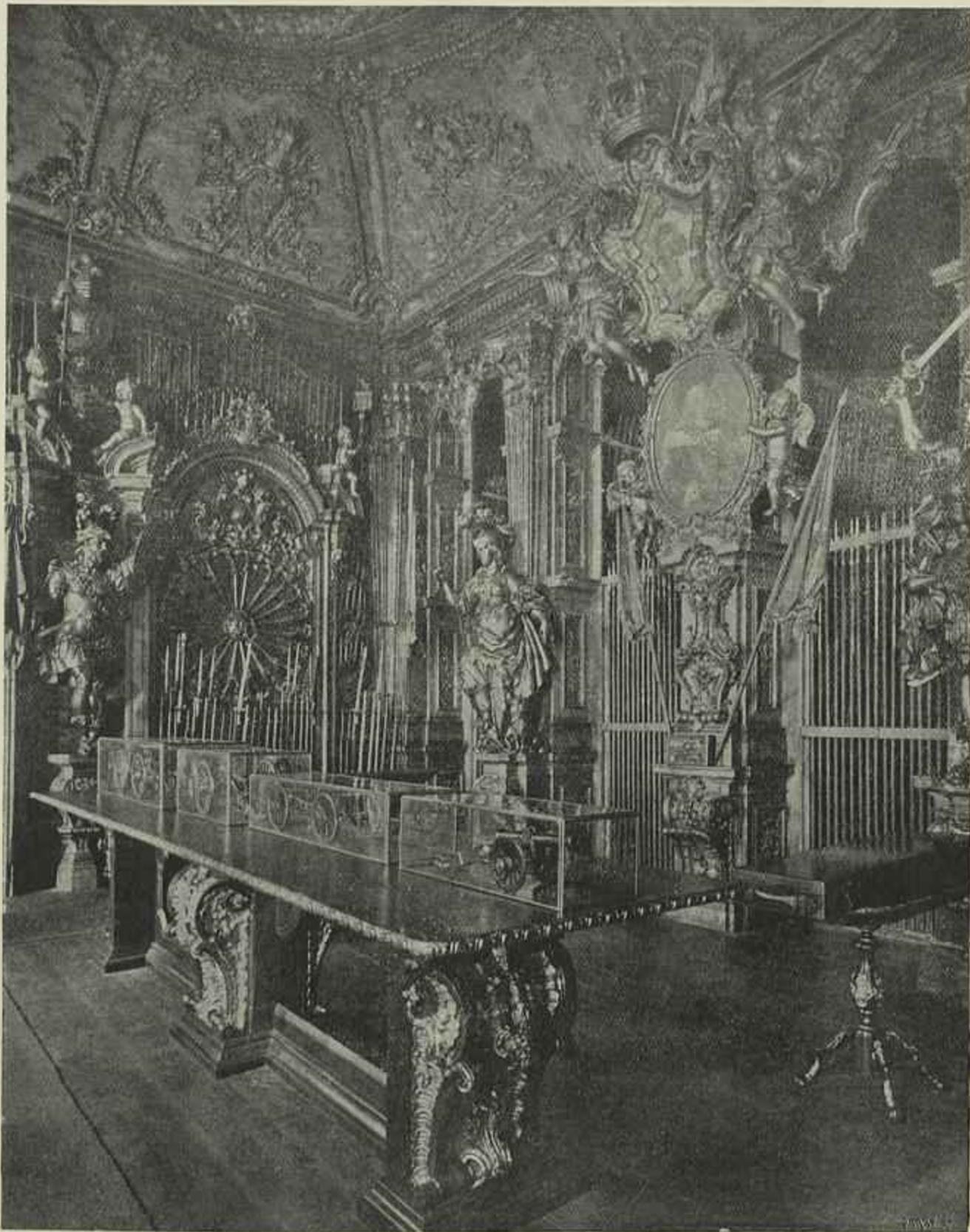
que conduz á praça Duque de Saldanha, onde se levanta o monumento ao grande Marechal que foi a alma das campanhas da liberdade e que mais illustrou seu nome fóra de Portugal, pelo valor da sua espada e fama da sua arte de guerra.

O monumento foi delineado pelo escultor português Thomaz Costa e inaugurado em 1909. É um dos mais modernos de Lisboa.

Outro monumento vos devo apontar no velho

mo numero. Agora, viajante, se quizeres conhecer o monumento, mais historicamente respeitavel por sua origem se perder no remotismo dos seculos, subi á encosta do monte do Castelo e se o fizerdes pelo bairro da Mouraria ou de Alfama, mais tereis que vêr da velha Lisboa, e, lá em cima, podereis visitar o Castelo da Cidade, denominado de S. Jorge, reliquia historica que ali se tem conservado atravez dos seculos e que foi

## LISBOA MONUMENTAL



MUSEU DE ARTILHARIA — SALA EL-REI D. JOSÉ I — (Cliche A. Bobone)

Nesta praça encontra-se o monumento a D. Pedro IV, o libertador, e o edificio arquitetónico do teatro Nacional, hoje denominado de Almeida Garrett, o restaurador do teatro português.

Sahindo da praça de D. Pedro e seguindo para o norte, entra-se na Praça dos Restauradores com seu monumento, a entestar a Avenida da Liberdade, que se alonga por mais de um kilometro até á Rotunda e parque Eduardo VII, em construção, e que é hoje a mais linda e opulenta arteria de Lisboa.

Da Rotunda partem outras Avenidas, como a

coração de Lisboa, ao cimo da arteria mais aristocratica da cidade. É o monumento a Camões, na praça do mesmo nome. O monumento, concepção do falecido escultor Victor Bastos, representa o imortal cantor dos Lusíadas, em colossal estatua bronzea, coroado de louros sobre elegante pedestal, em volta do qual poetas e prosadores notaveis do seu tempo, se agrupam em outras tantas estatuas habilmente cinseladas em pedra. É junto deste monumento que vae ter logar o numero mais significativo das festas de Lisboa e dele reproduziremos gravura no proxi-

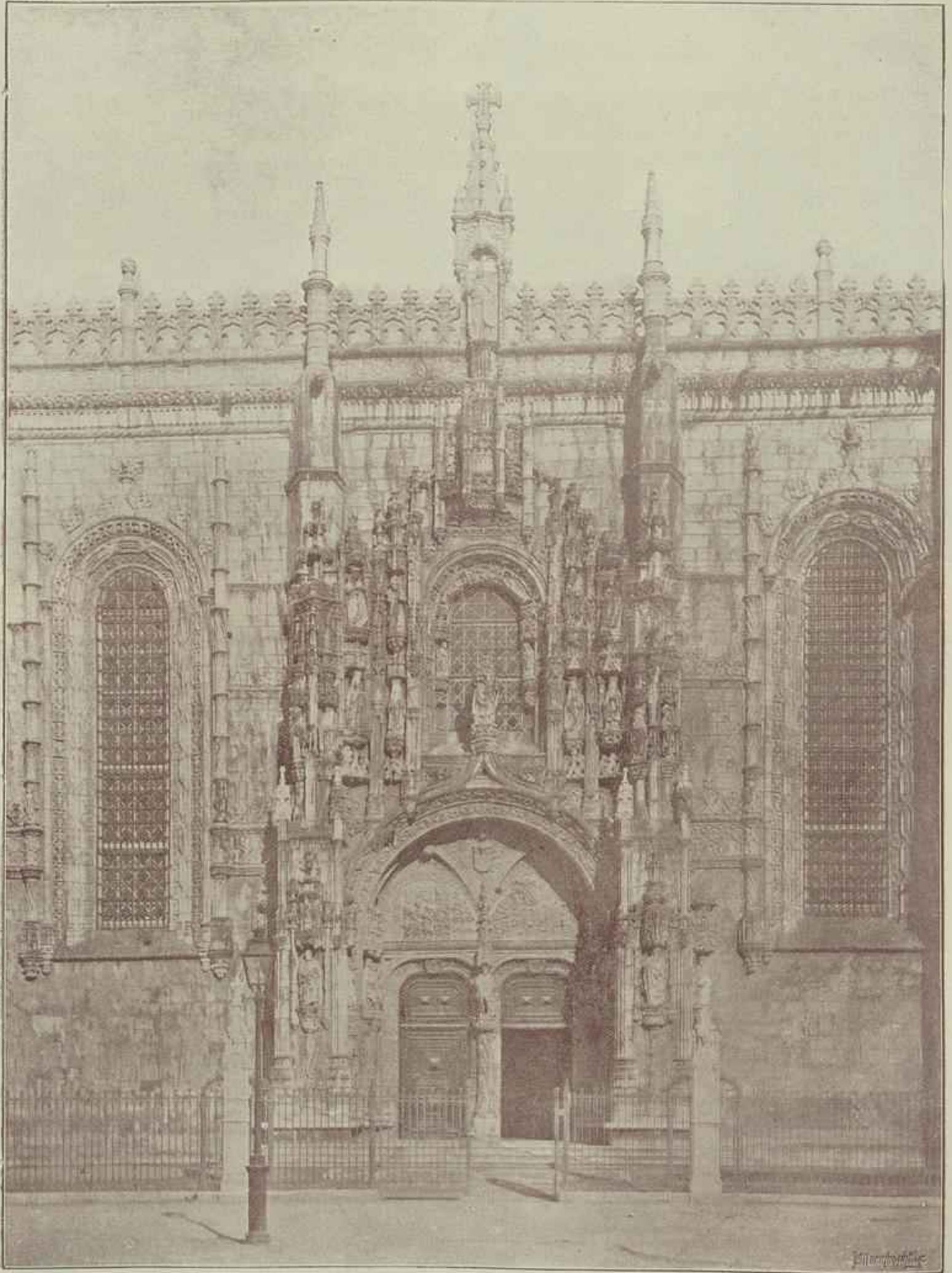
teatro de tantos feitos gloriosos das armas portuguesas, desde a conquista de Lisboa aos moiros, pelo fundador da monarquia, D. Afonso Henriques.

Proçurei quanto possivel ser conciso para não enfasiar o leitor. O viajante talvez quizesse mais minuciosidades, mas não pôde ser. Para essas pôde consultar varias monographias que lhe satisfacem sua maior curiosidade.

Desculpe; Lisboa está em festa e nós tambem queremos folgar.

CAETANO ALBERTO.

LISBOA MONUMENTAL



MOSTEIRO DOS JERONIMOS — PORTA LATERAL

(Cliché Rocchini)

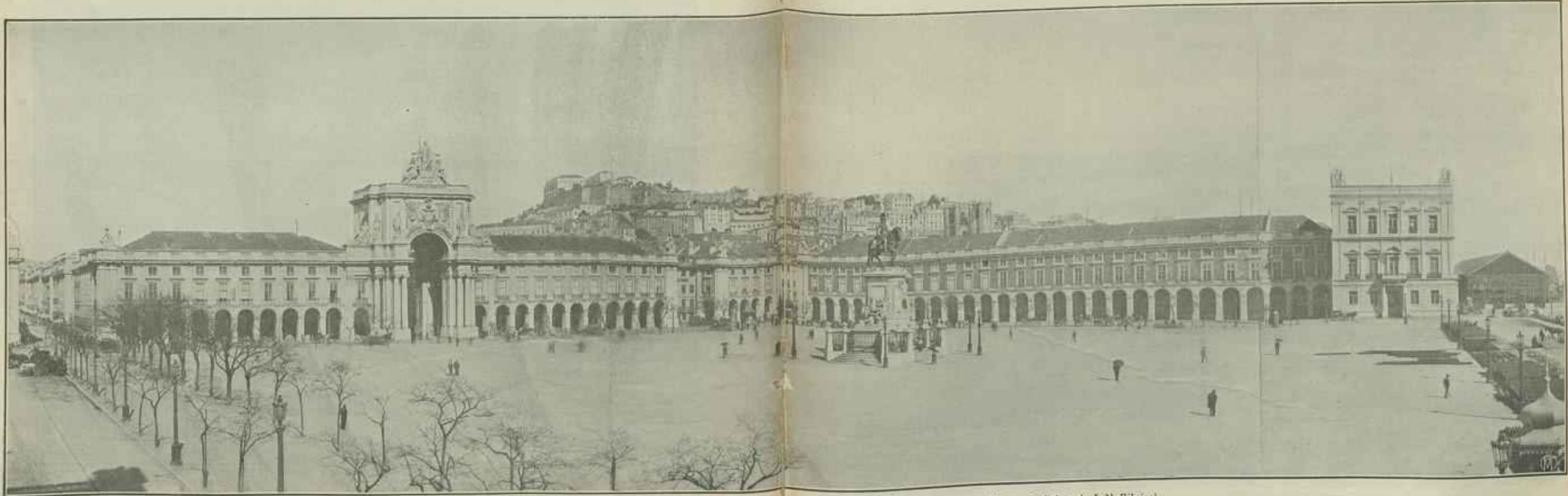
# LISBOA MONUMENTAL



PRAÇA DE D. PEDRO IV



PRAÇA DUQUE DE SALDANHA



VISTA GERAL DA PRAÇA DO COMERCIO — FOTOGRAFIAS DE J. P. MANTO — (Clichés Rocchini, sucessor Fotografia Beleza de J. N. Ribeiro)

# LISBOA MONUMENTAL



AVENIDA DA LIBERDADE — MONUMENTO DOS RESTAURADORES



CASTELO DE LISBOA, DENOMINADO DE S. JORGE



LISBOA—O ARCO DE SANTO ANDRÉ

## Arco de Santo André

Porta ou postigo da antiga cêrca de muralhas de Lisboa

Ainda que tristemente, no momento em que Lisboa celebra a sua festa, vem a propósito o reproduzir em gravura o Arco de Santo André e dizer alguma coisa de sua historia, visto estar eminente a sua demolição para utilitarismo dos tempos, pois se trata de facilitar o trajeto da linha de carros eléctricos pela calçada de Santo André.

De uma noticia inserta no *Panorama*, de 1838, a paginas 338, por Antonio Joaquim Moreira, extratamos o seguinte a respeito da Porta ou Postigo de Santo André:

«Bem conhecida é de todos como existente ao fundo da calçada da Graça, com o nome de —Arco de Santo André— cujo muro ia entestar com o do Castello, e terminava a cêrca.»

«Esta segunda cêrca saía de ao pé da Porta da Traição, e por S. Lourenço vinha á Mouraria, subia o Jogo da Pella e Monturo do Collegio; atravessava a calçada de Sant'Anna, descia por entre o beco de S. Luiz, e o mosteiro da Encarnação, á Porta de Santo Antão, e Estrebarias, e trepava a S. Roque; corria d'ahi até á Porta dos Cortes Reaes, e desta, pela beira-mar, até o Postigo da Polvora, donde ia, pela Porta da Cruz, a S. Vicente, e por entre a cêrca deste mosteiro, á Graça, buscando pelo lado do caracol a Porta de Santo André, cujo muro acabava no Castello proximo á Porta do Moniz.»

«Contava toda a muralha sete mil passos de circumferencia, e a cidade de muros a dentro, tres mil e cem de comprido e mil e quinhentos de largo: nella havia 46 portas e 77 torres que a defendiam, algumas das quaes se vêem por diversas paragens mais ou menos arruinadas, com seus pedaços de muro em egual estado.»

O primeiro rebate que se deu da demolição do Arco de Santo André, foi ha tres annos, por constar que fóra comprado pela Companhia dos Carris de Ferro, para o demolir afim de facilitar a passagem do elevador da Graça por tracção electrica. Estava lavrada a sentença da demolição de mais este monumento historico da velha Lisboa.

Nessa occasião nos dirigimos ao antigo colaborador desta revista e illustre homem de letras sr. Visconde de Castilho, para, com a sua incontestavel competencia, dizer aqui o que sobre o assunto se lhe offerecesse.

Em resposta enviou-nos uma communicação que fizera ao nosso colega de imprensa *Diario de Noticias*, dizendo-nos ao mesmo tempo, em carta particular, que, por motivos que respeitamos, não desejava alargar-se em maiores considerações sobre este caso.

O rebate passou e o Arco continuou de pé; mas agora que volta a falar-se no caso com mais insistencia, é oportuno extrair da communicação, a que acima nos referimos, o que de mais interessante o sr. Visconde de Castilho diz sobre este monumento historico que infelizmente vai desaparecer:

«O velho Arco de Santo André protesta em nome do passado, porque se acha intimamente ligado com a Historia de Portugal.»

«Não é aqui o logar de descrever a cêrca d'elrei D. Fernando I, cinta de pedra levantada como por milagre desde 1373 até 1375, sendo director da construção João d'Almada; basta lembrar que essa cêrca livrou da invasão castelhana a cabeça da monarchia.»

«Não lhe valeu essa circumstancia; a ingratidão de successivas vereações tem vandalizado o que restava dessa coiraca de pedra: as suas portas desapareceram; a da Cruz, para a passagem da estatua equestre em 1755;

a de Santo Antão para a entrada solene do Marquez de los Balbazes em 1728, etc., etc., etc. Resta a da Mouraria (Arco do Marquez de Alegrete), e resta a de Santo André. Esforcemo-nos por preserval-as de total destruição. Estes padrões assim nobilitam uma cidade; são documentação preciosa dos seus feitos; melhoram a alma popular; mantem o fogo sagrado do patriotismo.»

Pelo lado propriamente historico, haveria aqui imenso que dizer, descrevendo factos interessantes de cinco seculos. Essas considerações mereceram a algumas antigas Camaras muita attenção, desde o «instrumento de diligencia» de 1509 até ao «alvará de 1772. Tenho fé em que esta Camara actual escutará atenta essas tradições.

Pelo lado material, é muito de reear que a de-

molição do Arco vá comprometer a segurança do palacio de s. ex.ª o Conde da Figueira, vivenda historica ali erguida desde o seculo xv, e um dos rarissimos exemplares que ainda nos restam das edificações nobres da vetusta Lisboa.

Confo em que, tanto a Companhia como a Camara, se compenentrem do caso, e não dêem o miseravel espectáculo do desrespeito áquele veterano sem salario, áquele pobre Arco inofensivo, que nada nos pede, senão que o deixemos continuar a ser o que sempre foi; testemunha calada e eloquente de glorias da cidade. Quando lá fóra tanto se venera o passado, não dê Lisboa mais uma prova de tradicional menosprezo aos seus proprios brazões.

JULIO DE CASTILHO.

## Boletim Bibliográfico da Academia das Ciências de Lisboa

Com amaveis e captivantes dedicatorias recebemos já ha algum tempo por mão do activo e muito intelligente sr. Alvaro Neves, bibliothecario da Academia, dois exemplares (para a redacção e para quem firma estas pallidas linhas de referencia) do fasciculo n.º 2 de outubro do primeiro volume da primeira série do *Boletim*.

Interessantissimo este volume, cujo summario é magnifico, todos os artigos bibliographicos que encerra são dignos de lerem-se, mas, por simples curiosidade, citamos alguns de grande valor para a bibliographia: *A reorganisação da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, pelo erudito sr. Pedro A. de Azevedo; *Arquivos e Bibliothecas Portuguesas* em que o sr. A. N. dá notas interessantes ácerca de varias bibliothecas e archivos; *Varia*, de C. A., que tracta de importantes assumptos bibliographicos e *Portugal nos Arquivos Farnesianos de Napoles* em que o sr. Alvaro Neves nos dá uns curiosos informes sobre a pretensão dos Farnesios ao throno portuguez.

Em summa: um curioso repositório de bibliographias interessantes sobre todo o ponto de vista para eruditos, bibliophilos, bibliographos e amadores de livros.

Muito reconhecidos agradecemos ao sr. Alvaro Neves — que tão brilhante figura está fazendo no seu importante cargo de bibliothecario da Academia — a amabilissima offerta com que honrou o director d'esta revista, o nosso querido amigo Caetano Alberto e o rbsicador d'estas palavras a accusar a recepção de tão precioso volume.

RUY DE ABOM.



O NOVO EDIFICIO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

Este edificio, construido na rua Barata Salgueiro, á Avenida da Liberdade, foi inaugurado no dia 15 de maio com a abertura da 10.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Deliniado pelo arquiteto sr. Alvaro Machado e confiada a sua construção ao sr. Frederico Ribeiro, é o mais apropriado edificio que ha hoje em Lisboa para exposições de arte, offerecendo um vasto salão, além de outras salas de concertos, conferencias, reuniões de socios, secretaria, biblioteca, etc., no pavimento superior, bem iluminadas e amplas.

## ROMANCE

Victor Deby

## Amiga Suprema

(Versão livre auctorisada pelo auctor,  
por Alfredo Pinto (Sacavem))

## Primeira parte

## II

## NOCTURNO A DUAS VOZES

(Continuado do numero antecedente)

Por esta epoca conheceu Fombreuse, que veio habitar na sua casa. As relações tornaram-se cada vez mais intimas, as suas intelligencias artisticas, uma no apogeu, outra ainda em flôr, uniram-se bellamente para o ideal.

O caracter de Steinbaum impunha um respeito profundo a Fombreuse, e assim aquellas duas almas uniam-se estimulando-se em sonhos artisticos, em futuras realisações estheticas.

\*  
\*  
\*

Ao sahir da casa de Steinbaum, Fombreuse vestido de preto, como era habitual, pegou em algumas musicas manuscritas e partiu quasi correndo na direcção da estação de Montparnasse. Eram tres horas da tarde quando o comboio o deixou em Versailles. Informou se onde era a rua do Julião Lebrun que lhe indicaram proximo do palacio e tomou a direcção da casa do general Carbranches.

Ia-se recordando das circunstancias d'este convite. Algus dias depois da *soirée* em casa da sr.<sup>a</sup> Rudennis, Anna Le Cozan escrevera-lhe o seguinte bilhete:

«Senhor Fombreuse, se os applausos que a sua composição *Atravez do Oceano* não foram numerosos, alguns houve que lhe fizeram inteira justiça. Um dos meus bons amigos, de ha muito tempo, disse-me o melhor possivel da sua obra. Possui uma intelligencia bastante culta e diz a sua opinião sem rodeios. Encontrou bastante originalidade, ainda que por vezes notasse o estylo de Cesar Franck. Gostei da sua franqueza e é tão raro nos tempos d'hoje! Fui encarregada de o convidar a ouvir a sua *suite*, uma pequena viagem até Versailles, onde se encontra a familia do general Carbranches, não lhe causará desarranjo aos seus afazeres. Vae ao Trocadero na quinta-feira? Vou lá cantar a ode funebre de Bach e fragmentos do *Messias*. Depois do concerto poderíamos fallar.»

Elle foi ter com Anna Le Cozan no fim do concerto, e depois de se mostrar um pouco rogado, prometteu ir uma tarde a casa do general. Elle tinha dito que sim, mais pelas palavras que Anna lhe dissera da infeliz familia Carbranches, de que pelo numero de admiradores que o esperava. O general e a sr.<sup>a</sup> Carbranches, d'uma saude robusta, tinham visto suas filhas mais velhas morrerem pela tísica, e deixaram crianças com aspectos

da fatal doença. Um filho de natureza fraca, jogador e extravagante, passava os annos em varias loucuras que o general ia pagando á custa de dinheiro, reduzindo a sua fortuna. Porém uma filha lhe ficára, consolação e encanto do lár, mas temendo a fatal doença recusava frequentar a sociedade. De vocação religiosa, todo o seu pensamento se elevava a Deus. Seus paes offereciam-lhe em Paris, constantes divertimentos para distrahiem o seu pensamento todo refugiado em Deus.

Pensando em todos estes factos, Fombreuse atravessava as avenidas e praças da cidade real, olhando para tudo com indifferentismo. Passou em frente das grades e desceu á direita uma rua estreita e comprida onde a herva crescia á vontade. Bateu a um portão de ferro por cima do qual uns ramos d'arvores do parque pendiam servindo de decoração ao portão com aspecto antigo.

Desde que se entrava no parque avistava-se a casa levantada ao fundo de uma avenida assombreada de tilias. Em direcção á escadaria de pedra da casa dois enormes canteiros de relva cobertos de flôres formavam um conjuncto encantador.

A casa apenas tinha um andar, cujo estylo simples e decorativo dava ao edificio um character severo. Aqui e alli pequenas columnas com vasos de gerânios enfeitavam as varandas em pedra trabalhada.

Um creado conduziu Fombreuse a um pavilhão rustico. Algumas pessoas estavam assentadas á sombra. Anna Le Cozan e o general levantaram-se e foram ter com o artista. Anna apresentou-o ao general e este a sua mulher, a varias senhoras, a dois rapazes, etc.

Carbranches notando que Fombreuse se apresentava com um aspecto timido, e que estaria sujeito aos olhares constantes dos seus convidados, para o pôr mais á vontade, levou-o para o seu gabinete.

O general apresentava-se com aspecto magnifico apesar de contar os seus 67 annos! Ainda era um homem elegante. As linhas do rosto indicavam energia, uma grande força de vontade. Os olhos tinham essa melancolia que se nota nos homens que, educados no commando, são no fim da sua carreira, invadidos pelo sentimento da vaidade da sua auctoridade antiga. Possuem uns gestos de nobreza, medindo as phrases e as palavras.

Um sorriso triste despontava nos labios, o bigode farto e branco dava-lhe um aspecto marcial.

— Sr. Fombreuse, disse o general, em uma epoca em que tantos compositores seguem tão mal a senda de Wagner, senti-me feliz de notar na sua musica uma personalidade. Se por vezes em alguma phrase ainda está sob a influencia da escola, a ideia é clara e muito sua. O senhor será um continuador e não um *fabricante* de formulas. Estimei immenso estar em casa da sr.<sup>a</sup> Rudennis para poder applaudir a sua obra.

— Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> as suas pala-

avras, foi um acto de bravura os seus applausos.

— Sei muito bem; não teve o successo que merecia. Mas a um artista que importam os applausos, quando tem por elle a sua consciencia!

— Mas o publico é pedra de toque, sobre a qual o artista tem que *edificar* a sua obra...

— E' verdade, mas é uma pedra bastante movediça que nunca se sabe onde está e como está!

— Então qual será o melhor juiz?

— O Tempo. Quem pôde resistir á sua razão de ser? E a razão de ser em arte é a beleza.

— A beleza pôde ser desconhecida.

— Sim, ella possui o seu pudor e a sua modestia, esconde-se; é necessario procura-la para a conquistar.

— Felizes aquelles, disse Fombreuse, a quem o seu veu é transparente! Pôdem gozar melhor e mais longe que os outros... mas se a beleza é uma, sendo da eternidade, ella apresenta-se a nós sob muitos aspectos, pois que é atravez dos nossos diversos sentimentos humanos que a contemplamos.

— V. Ex.<sup>a</sup> revelou-a sob um aspecto completamente novo. Apesar d'alguns ainda estarem com lunetas de vidros negros...

— Como para verem o sol, disse Fombreuse com um gesto de vaidade.

Uma menina entrou trazendo uma bebida gelada.

— Papá, a mamã pede-lhe para perguntar ao sr. Fombreuse se deseja tomar algum refresco.

Fombreuse levantou-se.

— Sr. Fombreuse, disse o general, minha filha Seraphina, uma grande admiradora do seu talento.

— E' verdade, a musica de V. Ex.<sup>a</sup> comoveu-me.

Foi para Fombreuse um verdadeiro encanto ouvir aquella voz que se ligava tão bem com o rosto todo elle delicado e cheio de doçura. A pureza d'uma, respondia á candura da outra; era uma harmonia de innocencia. Era formosa? Fombreuse nem notára! O nome de Seraphina que se liga sempre mal a tantas mulheres, agora para esta era o complemento do seu ser! A bocca era casta, os olhos supplicavam; olhos negros que irradiavam chamma de bondade. Os cabellos guarnecendo o rosto, davam-lhe um sombreado de santa. O vestido branco de uma grande simplicidade, revestia-a d'um aspecto de fada, toda ella elegante e diaphana.

A esta apparição e a esta voz de pureza, Fombreuse perturbou-se. A narração de Anna tinha preparado o seu coração á piedade e a vista d'esta rapariga enchia-o de admiração respeitosa. Elle ficou silencioso perante ella.

— Um pouco d'esta laranjada, sr. Fombreuse, disse o general, ia-me esquecendo dos meus deveres de dono da casa.

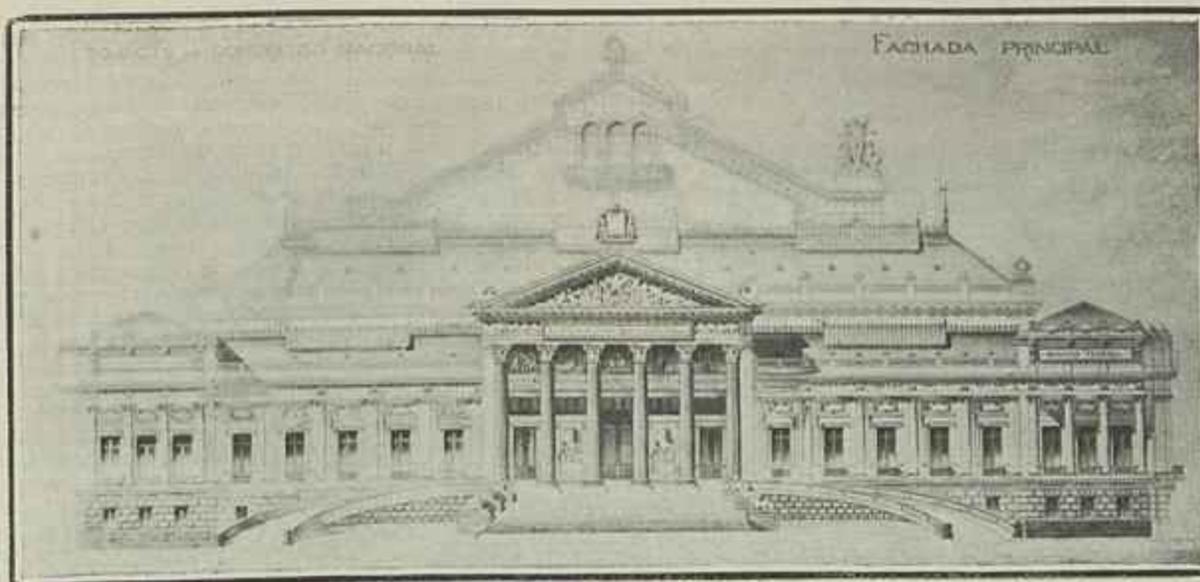
Conduzidas pela sr.<sup>a</sup> Carbranches, as restantes senhoras entraram.

— Muito bem aqui a conversarem e nós a esperarmos...

— E dizem que as senhoras são falladoras...

— Nós não fallavamos das vidas alheias, mas sim de arte.

(Continúa.)



PROJETO DO PALACIO DO CONGRESSO DO RIO DE JANEIRO — Ventura Terra



UM RETRATO — Desenho de Alves Cardoso



HISTORIADOR — Quadro de J. Almeida e Silva

Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

Continua extraordinariamente concorrida de visitantes a exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, sendo atualmente o ponto de reunião da sociedade elegante de Lisboa.

Para isso esta exposição oferece ao publico não só o atrativo das belas obras de arte que ali vai admirar, mas magnificos concertos pelo sexteto Moraes Palmeiro, que ali se estão realisando, sendo tanto ou mais agradável passar um bocado de noite naquelas salas, iluminadas a luz electrica, com a qual mais sabresae a belesa das obras expostas.

Registra-se com prazer que de todas as exposições realisadas pela Sociedade Nacional de Belas-



ESBOCETO DE PINTURA EM AZULEJO — Bemvindo Ceia

Artes é esta a mais brilhante, como tambem se regista com satisfação que o publico se vai educando e apreciando a Arte, esta grande força criadora que é a riqueza dos povos, nas grandes conquistas do trabalho e do progresso.

E' a Arte que a França deve a sua prosperidade, esse país que dá ao mundo as leis do bom gosto, mercê da educação artistic a do seu povo, que em sua fantasia cria e inventa em cada dia, novas formas, novas decorações, novos atrativos, que se impõem e seduzem as gentes.

O interesse do publico vai despertando e isto se confirma pela aquisição das obras expostas, subindo, até ao presente, o produto das vendas a cerca de 18:000\$0000 de réis, continuando diariamente novas aquisições.

E' este o maior e mais lisongeiro resultado que até hoje se conta em nosso país em exposições deste genero.

## Uma jornada á roda da Ilha Terceira

1

(Continuado do n.º 1238)

— Haverá aqui festa? ou será comício feminino? perguntei, intrigado por ver tanto mulhêrio junto a hora tão matutina.

— São as bordadeiras do campo, que trazem os seus trabalhos para o agente negociante da



MONTE BRAZIL

Madeira, informaram-nos e, fique sabendo o nosso collega, acrescentou um d'elles, que grande parte dos bordados chamados da *Madeira*, são produzidos aqui e nas outras ilhas dos Açores e para lá vão para serem negociados.

E assim tive occasião de conhecer que o bordado *inglez* ou da *Madeira*, formado com a combinação de pequeninos furos rematados á agulha em torno, nem só na perla do Oceano é produzido, indo muito tambem da Terceira, feito pelas camponêsas nos seus vagares, trabalho aliás mesquinamente retribuido por um agente, que em determinadas epochas o vem comprar, e assim se explicava o feminino ajuntamento.

Agora a estrada estabelecida muito sobranceira ao mar, todo faiscante de sol, deixava o admirar para o sul na sua immensidade, em quanto para o lado norte, esquerda da marcha, seguiam-se em constante declive, vastos campos de culturas, de monotono aspecto, alegrados qui, acolá, por alvos casaes espalhados pela enorme encosta; em varios pontos partiam da estrada tortuosas e pitorescas *canadas*, — o nome que nas ilhas dão ás azinhagas estremêhas, — sendo de igual modo alinhadas de sebes e ramarias nos valados.

Por esta altura, para o occidente avistava-se á distancia as casarias e egrejas de Angra do Heroismo muito pequeninas e alegradas pelo sol, de um dia luminosissimo; na frente elevava-se o Monte Brazil terminado no Pico do Facho, na respeitavel altura de 773 metros, todo coberto de verdura do arvoredo e mattos, entrando muito pelo mar, como um promotório; a um terço da colina distinguia-se-lhe nitidamente, do lado da cidade, o cinto de muralhas e bastiões da fortaleza de S. João Baptista, construida pelos hespanhoes, alvejando-lhe no meio a grande egreja e a casaria dos aquartalamientos, constituindo todo elle o maior castello de Portugal o qual D. Philippe II fez erigir, para manietar — de balde — o alto espirito da liberdade e independencia dos heroicos terceirenses; actualmente este grandioso castello foi posto em nova evidencia, como é sabido, em razão dos recentes acontecimentos politicos de 27 de abril.

Entré palestra animada o trem ia rodando em bom andamento, apresentando-nos de bocado a bocado aspectos novos de paisagem e marinha consoante a orientação da estrada.

Afastados da costa a uns dois kilometros, ao largo, admiravamos agora os dois altos ilheus das Cabras, cobertos de mato rasteiro, com a singularidade de deixarem entre si um estreito mas fundo canal, o que permitiu que um grande na-

vio da marinha de guerra dos Estados Unidos do Norte, ao tempo da guerra separatista, conseguisse ali occultar-se, como por encanto, da perseguição, que um outro cruzador da mesma nacionalidade lhe vinha fazendo, o qual passou adiante sem o descobrir.

Já os dezertos ilheus nos ficavam para traz, quando passavamos proximos do Porto Judeu, cuja baixa e branca casaria segue parte na altura da estrada e outra decorre mais abaixo á beira mar, ao longo do litoral, enfeitada n'um ou n'outro ponto pelo frondoso arvoredo de varias quintas.

Travou-se um demorado e profiado combate, em que até as mulheres tomaram parte e que se mantinha em estado indeciso, quando ao começo da tarde um frade agostinho lembrou se impelisse contra os hespanhoes uma grande manada de touros, que estavam n'uma quinta proxima.

Gom aquele reforço inesperado de inimigos chavelhudos, não contava a gente de Hespanha, e estabeleceu-se entre eles panico de que os terceirenses se aproveitaram para acabarem a derrota, chacinando algumas centenas de atacantes e morrendo muitos d'elles afogados na costa, com a precipitação do embarque.

Assim terminou a façanha de que estávamos vendo o theatro, e que tivera já um classico antecedente, — nada de novo existe na terra, — quando Cambyses derrotou os egypcios, pondo á frente dos seus guerreiros persas, animaes domesticos reverenciados no Egypto, preferindo os defensores d'este paiz deixarem-se matar a ofender os animaes sagrados que o inimigo trazia.

D. Antonio, Prior do Crato, ainda depois da batalha, por pouco tempo aliás teve occasião de ser rei de facto na Terceira, onde desembarcou, e cunhou moeda; a derrota, porém, da sua armada adquirida em França e a tomada da Ilha mais tarde (dois annos depois) pelos hespanhoes da armada do Marquez de Santa Cruz, que conseguiram desembarcar mil e quatrocentos homens no porto das Mós, mais adiante do da Salga, e que se vingaram da resistencia, com numerosas execuções, enforcando e degolando grande numero dos patriotas terceirenses, terminou de vez com a velocidade da independencia.

Para melhor manter a subjugação dos ilheus, construíram os hespanhoes, com um grande imposto sobre todos os habitantes das ilhas açorianas, a formidavel fortaleza (para a época) de S. João Baptista no Monte Brazil, dominando a Angra, como por egual motivo e época aproximadamente edificaram o castello de Monjuic, que domina estrategicamente Barcelona.

(Continúa).

J. RIBEIRO CHRISTINO.



## Parques e jardins de Lisboa

### Arboretos

(Uma introducção)

Formam uma cohorte numerosa os que, em Portugal, são cultores eximios da flora ornamental e da que se desata em formosissimas galas com que se matizam, olorosos, os jardins e se enfeitam os salões.

Tem emeritos botanicos o nosso Paiz. E' copioso o elenco das suas investigações e dos seus estudos. A Sociedade Broteriana a cuja frente se oferece o nome illustre do prof. Julio Augusto Henriques, com a colaboração, em tantos modos douta, que n'ela figura, sobejamente confirma aquele asserto. Monografias varias de contribuição para o estudo da *Flora portuguesa*, teem, nos ultimos annos, enriquecido os Anaes da Sciencia botanica. A recente publicação da *Flora Portuguesa*, do prof. Antonio Xavier Pereira Coutinho assinala-se valiosamente, n'um copioso quadro que revela a farta colheita que se obtem percorrendo os campos de Flora, e as pesquisas fecundas que permitiram descrevê-la e classifica-la.

A Sociedade Nacional de Horticultura de Portugal, fundada em 1898, logrou, nos primeiros annos da sua existencia, afirmar-se como apostolo do *Culto da flor*. E, em 8 de março de 1900, o vereador do pelouro dos jardins, Alberto Pimentel, submeteu á Camara Municipal de Lisboa, uma proposta para ser criado um mercado provisório de flôres, nos talhões de entrada da Avenida da Liberdade. No dia 1 de março d'aquelle ano foi inaugurado este *mercado de flôres*.

Não se manteve este proposito. Com variantes, vingaram outros.

Engalanaram-se a capricho numerosos mostuários, decorando-os com os mimos dos jardins, e até para isto concorrendo a colheita mais copiosa no *Jardim botanico da Ajuda*, e outros onde a floricultura cria flôres de eleição n'uma variedade singular.

Na Associação Central da Agricultura tem-se oferecido exposições de flôres, com um certo relevo e cativando aplausos.

Mais para diante ficava-nos afastada para o interior a freguezia de S. Sebastião, a primeira edificada na Ilha pelos colonisadores guiados por Jácome de Bruges, que ali desembarcaram, sendo tambem d'esse tempo a antiga capela de Santa Anna, ainda existente n'um ponto elevado d'aquelles sitios.

A costa no seguimento mostrava-se mais afastada, plana e recortada de cachopos, tendo um porto, quando um dos companheiros me disse:

— Está vendo um dos sitios mais célebres da Terceira e que é conhecido por a Salga, foi aqui que os hespanhoes foram derrotados, com o auxilio de touros, que lhe largaram na occasião do combate.

— E' muito curiosa essa estratégia, de que já vagamente ouvira falar, respondi, e propunha-vos que nos apeiassemos um pouco, para melhor podermos apreciar o local d'esse facto historico, que espero me contareis mais por meudo.

Assim foi; o Oceano muito ao largo desenhava a sua grandiosa linha do horizonte quasi confundida com o ceu, ocupando metade da vista geral, e as ondas com rytmadados intervalos vinham soberbamente desfazerem-se em espumas scintilantes de sol nos cachopos das praias.

A narrativa, a traços largos, foi então feita e assim fixei indelevelmente na memória aquella lição prática do famoso quadro historico terceirenses, que passamos a resumir.

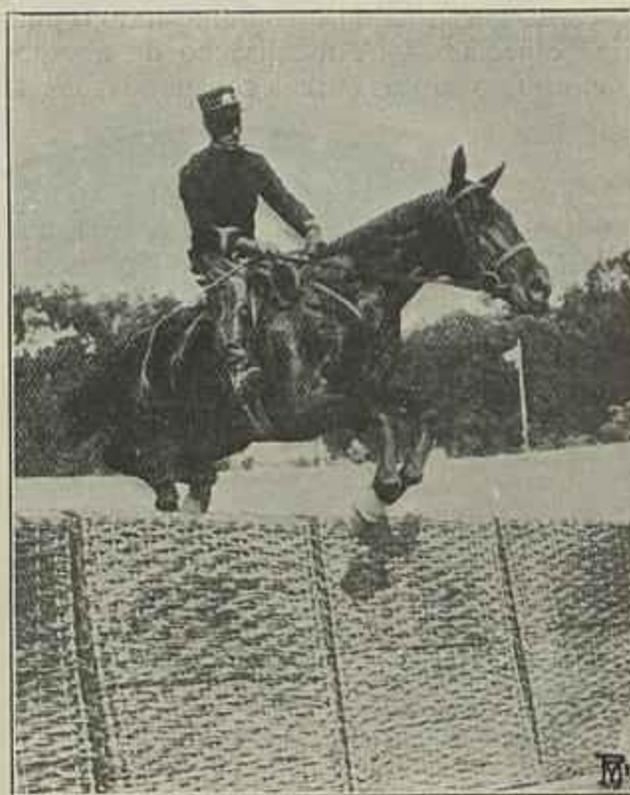
Em Alcacer Kibir se desfizera o sonho da grandeza de Portugal, o rei, os nobres e tantos milhares de combatentes, ali tinham tido heroico, mas triste fim, morrendo devagar, como D. Sebastião recomendára: o débil cardeal D. Henrique preparára, no curto tempo de seu reinado, a passagem da nação para o poder do rei de Hespanha como herdeiro; as céjulas de D. Christovão de Moura vergonhosamente desfizeram a resistencia do resto da nobreza e só no reino os populares de Lisboa, querendo terem um rei portuguez em D. Antonio, Prior do Crato, salvaram a honra nacional deixando-se dezimar na ponte de Alcantara pelos guerreiros do duque d'Alba.

O mesmo desejo de independencia animava tambem os habitantes da Ilha Terceira; ali, D. Cypriano de Figueirêdo, um caudillo de D. Antonio, organisou sábiamente a resistencia e quando uma armada de D. Philippe II de Hespanha, do comando de D. Pedro Valdez, fundeou ante a ilha toda defendida em torno por tropas e milicias, teve que tentar, no dia 25 de julho de 1581, um desembarque á força na bahia da Salga, o que conseguiu em parte.

## Concurso Hípico Internacional de 1913

SEBASTIÃO CUNHA E SILVA, SALTANDO NO CAVALO *Farinelo*

O Concurso Hípico de 1913 foi o mais concorrido e brilhante dos que se tem realizado em Lisboa, encerrando-se no dia 26 de maio com as provas para o Grande Premio de 1:000\$000 de réis, que foi disputado

F. LUSIGNAN, SALTANDO NO CAVALO *Alvear*

com entusiasmo e em que ficou vencedor o sr. Sebastião da Cunha e Silva, no *Farinelo*. O 2.º premio de 500\$000 réis foi conferido ao sr. Lusignan, no cavalo *Alvear*.

A Associação dos Jardineiros tem colaborado n'este movimento, organisando exposições de flores, no edificio da Camara Municipal.

N'este momento, açafates floridos, revelando a opulencia d'alguns jardins publicos de Lisboa, ao mesmo tempo frizando, no respectivo concurso, a educação artistica dos jardineiros municipaes, engalanam o atrio do palacete onde, com tanto brilho, se oferece a 10.ª Exposição da Sociedade Nacional das Belas Artes.

Merece louvores aquella iniciativa. E por essa educação, os srs. Fernando da Silva e Henrique Nery.

Alvinitentes e variegados marmores decoram Lisboa. Com eles casam-se bem, n'uma harmonia de côres, a vegetação frondosa e as flores mimosas.

Mas a predilecção individual, e assim a colectiva, pelas flores, não se generalisa tanto que se possa dizer que constitua um traço ethnico. Sem embargo do desenvolvimento que se nota no commercio das flores, tanto ele se confina que nem mesmo se oferecem tão copiosas quanto era de esperar.

Vem a proposito notar que, em Lisboa, muito rareia a *decoração florícola das janelas e balcões* dos grandes prédios, contrariamente ao que se vê em França, na Belgica, na Inglaterra, na Alemanha. Para aprimorar essa decoração organisam-se concursos especiaes, com pormenorizados programas e um jury mais idoneo pela colaboração de varias competencias.

O aperfeiçoamento da floricultura é um dos fitos da Escola pratica de agricultura de Antibes (Alpes maritimos). A região em que está situada, assim o aconselha. D'ela, conforme me dizia, em 1898, o prof. Jules Grec, são todos os dias expedidas milhares de encomendas de flores que se distribuem por toda a Europa.

Aqui, falta o jardim escolar, com a sua expressão educativa: nos lyceus, que para ele teem campo; na escola normal; e na escola primaria.

No entanto, são hoje muito numerosos em Lisboa, os parques e os jardins. E, se, uns e outros, sobre o que teem de atraente, ainda assealam com a sua beleza e esmero a fisionomia mais culta da capital, motivo tambem oferecem para uma interessante monografia em que venham a ler-se trechos de uma lição botanica, se delectosa, ainda instructiva.

São, porém, os jardins publicos o quadro que, em primeiro lugar, a essa lição interessa.

Quer eles se desenrolem ao longo das avenidas; quer se formem enquadrados nas grandes praças da cidade; a sua constituição fala á botânica florística; ou por que escalonam a diferentes altitudes, ahí variando a exposição; ou por que assentam em terreno diverso por sua formação e natureza.

D'algum modo se pode dizer que esses jardins são outros tantos arboretos. Assim tambem, considerados no seu conjuncto, os talhões florísticos da Avenida da Liberdade.

Tão vistos pela população urbana, que, por eles, passa quasi indifferente!

Não é apenas interessante, senão tambem util estuda los no ponto de vista da aclimação; e, se fixando, pelo que toca á nomenclatura phytogeografica, o *abstractum* da vegetação, do mesmo passo, no que concerne ás condições do clima e do meio, notando as *unidades biológicas*.

A arte que, tão caprichosamente, criou estes *jardins-arboretos*, que sobremodo aformoseam Lisboa, reproduziu n'esses tantos trechos os cambiantes do mosaico que se estampa grandioso nos mais soberbos quadros do mundo vegetal.

Estudando-os, colhe-se inspiração para uma bela obra educativa, porventura multifôrme.

F. JULIO BORGES.



**O Povo Lusitano, semanario independente.** Director, José Duarte Costa; proprietario, Manuel V. J. Costa. Lisboa, 1913. Com este titulo principiou a sua publicação um semanario, colaborado por talentosos moços estudantes que, cheios de entusiasmo, começam as suas lides na imprensa, pelo que se tornam dignos da simpatia publica e do nosso aplauso que não lhe regateamos, desejando longa vida e prosperidades ao nosso colega.

**Revista da Universidade de Coimbra**, redigida por uma comissão de professores da Universida-

de de Coimbra. Vol. I, n.º 2 e 3, junho a setembro de 1912. Coimbra, Imprensa da Universidade.

Sumario: *Notas Vicentinas*, prof. Michélis de Vasconcelos; *Braz Garcia de Mascarenhas*, prof. Antonio de Vasconcelos; *Flexão do perfeito latino*, prof. Gonçalves Guimarães; *Um documento precioso*, prof. Antonio de Vasconcelos; *Finanças Coloniaes*, prof. Ruy Ulrich; *Um problema de Calculo das probabilidades*, prof. Costa Lobo; *Contribuição para o estudo dos tumores coloides do ovario*, Marques dos Santos; *Diatomáceas da Guarda*, Lopo de Carvalho; *Cadaverização e autólise da medula espinhal*, Geraldino de Brites; *L'eclipse de soleil da 17 avril 1912*, prof. Costa Lobo; *Luctuosa*, *Donativos*, *Movimento do pessoal docente da Universidade desde 1 de abril até 20 de setembro de 1912*.

**Os vinhos portuguezes na Argentina** — *Relatorio apresentado á Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal pelo seu delegado Raul de Caldevilla* — Porto, 1913.

Este relatorio é resultado de uma viagem de estudo, de que foi encarregado o sr. Raul Caldevilla, pela Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, á Argentina. Os assuntos que versa são do maior interesse para os nossos lavradores e comerciantes de vinhos, aos quaes a Companhia resolveu distribuir este relatorio, que assim ficam prevenidos para o requisitarem, os que o não tiverem recebido, e que muito os póde interessar, para o seu commercio.

**Anaes do Club Militar Naval** — *Revista mensal*. Editor Club Militar Naval, Vol. XLIV, n.º 3, Março de 1913, cujo sumario é o seguinte; *O primeiro salva-vidas portuguez*, por M. C. — *Sobre turbinas de vapor maritimas*, por Julio Ferreira — *Breves considerações sobre o projeto da organização da Marinha de Guerra*, por J. Corrêa Pereira — *Exame dos esforços pelo tiro em peças de berço e pedestal e das condições de resistencia deste e da sua base de assentamento*, por Wills de Araujo — *Sobre um novo aparelho para determinar os desvios*, por Isaias Newton — *Em socorro de Timor*, por Jayme do Inso — *Tratamento das ondas de longo periodo pelo metodo da analyse harmonica*, de Ramos Coelho — *Marinhas Militares*.

# CARNES DA COMPANHIA INGLEZA

Todas as boas donas de casa devem dar preferencia ás magnificas carnes da **Companhia Inglesa**, superior a todas as outras do mercado, sendo o gado apartado com todo o esmero e engorda feita expressamente em colonias espezias. — A fiscalisação do abatimento das rezes e conservaço das carnes é feita nas mesmas condições em que o são as carnes consumidas em toda a Inglaterra.

NÃO CONFUNDIR



NÃO CONFUNDIR

A CARNE ARGENTINA d'esta COMPANHIA superior a qualquer outra, é vendida ao publico mais barata do que qualquer outra pelos seguintes preços:

|                |              |
|----------------|--------------|
| Prego do peito | Kg. 180 réis |
| Abas           |              |
| Cachaço        |              |
| Chã-bã         |              |
| Peito alto     | 260 "        |
| Pá             |              |
| Assem          |              |
| Chã de fóra    | 300 "        |
| Rabadilha      |              |
| Ganço          |              |
| Vasio          |              |
| Roas-beaf      |              |
| Alcatra        |              |

Delicadesa do pessoal

Boa qualidade da carne

Exatidão no peso

As carnes da Argentina d'esta Companhia, impõe-se pela sua qualidade extra e **SÓ** se vendem nos talhos pintados a **BRANCO E VERMELHO** com o emblema registado e representado n'este annuncio.

## Loja Sol

V.<sup>VA</sup> SILVA SOUZA & C.<sup>A</sup>

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

### Canalisações

PARA

água, gás  
e esgotos

### INSTALAÇÕES ELECTRICAS

FOGÕES  
a gás e a petroleo

### ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL.



TUBOS  
de chumbo e de borracha

LOUÇA  
de ferro esmaltado

RETRETES, TINAS  
E LAVATORIOS

Esquentadores  
a gás  
e a gazolina

Variado sortimento  
de  
candieiros de gás  
e suspensões

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos



## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,  
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,  
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis  
Capa e encadernação 1\$200

## PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.<sup>a</sup>, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilitade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado no *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas farmacias.